

ENEIDA DE MORAES: RITOS DE ENTRADA E DE PERMANÊNCIA NO CENÁRIO POLÍTICO E JORNALÍSTICO LITERÁRIO BRASILEIRO (1920-1970)*

Eunice Ferreira dos SANTOS
Universidade Federal do Pará

RESUMO: Abordagem focalizando os ritos de entrada e de permanência da escritora paraense Eneida de Moraes¹ em territórios, à sua época, proibidos à mulher: a redação de jornais, a publicação de livros e a militância partidária. Para essa abordagem histórico-crítica, foi consultado um corpus textual, considerando-se três fases: a) a de iniciação no cenário das Letras Nacionais (1920-1930); b) a panfletária, quando se filia ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) integrando-se ao discurso proletário e às atividades de agitação e propaganda (1930-1945); c) a da escritura consentida, período em que passa a atuar como jornalista profissional (1945-1970). A análise foi subsidiada por: referencial teórico pertinente; testemunhos orais e escritos; e peças documentais localizadas nos arquivos da Delegacia da Ordem Política e Social (DOPS/RJ), da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS/RJ) e Superior Tribunal Militar (STM/DF).

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, Militância, Escritura.

ABSTRACT: This article focuses on the rites of entry and permanence of Eneida de Moraes, a writer from the state of Pará, in Northern Brazil, in territories that were forbidden to women of her age: editorial staff of newspapers, publication of books, and political militancy. In order to conduct this historical and critical approach, a textual corpus in three phases was consulted: a) the initiation into the national written production (1920-1930); b) the pamphleteer, when she joins the Brazilian Communist Party (Partido Comunista Brasileiro - PCB) and integrates the proletarian

*Artigo elaborado a partir da tese de doutorado *Eneida de Moraes: militância e memória* (SANTOS, 2004), defendida na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

¹ Eneida de Villas Boas Costa de Moraes nasceu em Belém do Pará (23/10/1903) e faleceu no Rio de Janeiro (27/04/1971).

discourse and the activities of agitation and propaganda (1930-1945); c) the “permitted writer”, period in which she acts as a professional journalist (1945-1970). The analysis was based on: pertinent theoretical references, oral and written testimonies, and documents located in the files of Police Station of Social and Political Order (Delegacia da Ordem Política e Social – DOPSD/RJ), Special Police Station of Social and Political Security (Delegacia Especial de Segurança Política e Social – DESPS/RJ) and Military High Court (Superior Tribunal Militar – STM/DF)².

KEY WORDS: Woman, Militancy, Writing.

1 INTRODUÇÃO

O debate teórico instaurado pela literatura tem possibilitado um campo promissor de estudos em torno da recuperação da trajetória política e intelectual de escritoras brasileiras³. Assim, algumas literatas têm se tornado objeto de pesquisas que intencionam materializar a presença da mulher nas letras nacionais.

No quadro geral desses enfoques, há uma tendência a questionar os paradigmas essencialistas em relação à autoria feminina, estatuidando cientificamente um contradiscurso que aponta espaços para inserção desses sujeitos no cânone literário e na história social brasileira.

No caso da escritora e jornalista paraense Eneida de Moraes, configurou-se, através de uma pesquisa realizada entre os anos 2000-2004, a relevância de visibilizar sua trajetória de militante comunista, de produtora cultural e de mulher que rompeu, ou pelo menos afrontou, os padrões instituídos ao papel feminino de sua época, transitando em redutos considerados masculinos: a redação de jornais, a publicação de livros e a célula partidária – mecanismos que ela

² Resumo traduzido pela Profa. Maria de Belém Feitosa, a quem agradeço.

³ Cf. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. In: COSTA, Albertina de O; BRUSCHINI, Cristina (1992), p. 54-92.

utilizou como militância em 50 anos de atuação no cenário político e jornalístico-literário brasileiro (1920-1970)⁴.

A abrangência desse período pode ser dividida em três fases: a) 1920-1930, quando a escritora residia em Belém do Pará, sua terra natal, e ingressa oficialmente no jornalismo, estreando, também, na produção livresca com a publicação de *Terra Verde*; b) 1930-1945, época em que, seduzida pelas idéias socialistas, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), integrando-se ao discurso proletário, quando este se fez uma motivação radical. Destacando-se no trabalho de agitação e de propaganda comunista, envolve-se num ativismo político explícito, sendo redatora de panfletos e de jornais de célula, além da participação nas revoluções de 1932 e 1935 que resultou em prisões e exílio; c) 1945-1970, fase caracterizada pela “escritura consentida” atuando, como jornalista profissional, em periódicos partidários e da grande imprensa, nas funções de repórter e de cronista, entremeando este período com a publicação de livros e várias traduções.

2 A TRANSGRESSÃO DOS CÓDIGOS

Em 1910, Eneida, então com sete anos, inscreveu seu primeiro texto ficcional num concurso de conto infantil, patrocinado pela *Revista Tico-Tico*. Para surpresa da família, ganhou o primeiro lugar e um prêmio de vinte mil réis com direito a ter o nome impresso nas páginas da revista:

Não houve raios nem aborrecimentos pelo meu gesto; apenas mamãe com sua preocupação de esmagar em mim qualquer vaidade, achou que eu estava em condições de escrever melhor. Não posso

⁴ Desse período, cerca de 5575 peças documentais (crônicas, reportagens, discursos etc.) foram reunidas por ANTOS, Eunice Ferreira dos (2000-2004) e armazenadas em arquivo digital (7 CD's-Rom). O referido acervo, atualmente, está em Belém do Pará, sob a custódia do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEM/UFPA).

precisar hoje se recebi meus direitos autorais; mas tenho certeza de que me senti coberta de glórias⁵.

Esta escritura pública é o início de uma linha de força demarcadora da inscrição precoce de Eneida, enquanto sujeito político, em um dos espaços de poder da escrita: o território jornalístico-literário. Com a publicação desse primeiro conto, a escritora marca, antecipadamente, uma longa trajetória de participação na vida cultural brasileira, incorporada mais tarde à militância partidária.

Os anos de 1913 a 1918, passou-os no colégio interno Sion (Rio de Janeiro) onde, além da formação intelectual, dedicou-se a um exercício embrionário do estilo epistolar que vai se transformar, a partir de 1920, em produção cronística – forma literária proeminente em sua obra. Durante o período de internato, escrevia, pelas colegas, cartas amorosas barganhando-as por barras de chocolate. É, também, nessa fase que cartas longas e assíduas foram trocadas entre a escritora e sua mãe, a professora Júlia. Através desses escritos juvenis, descreve o cotidiano do Sion e as próprias dificuldades de adaptação ao ordenamento disciplinar do colégio:

Eu bem sabia que aquele colégio interno era um castigo: a menina andava saliente demais. Um internato é sempre uma lição de disciplina. Depois, era preciso que eu tomasse contato com a realidade. Não seria justo continuar vivendo em sonhos⁶.

Quando volta a Belém, em 1918, aproxima-se de um grupo de intelectuais que atuava na imprensa local, entre eles: Peregrino Júnior, Abgvar Bastos, Bruno de Menezes e Paulo de Oliveira. Neste contexto, conforme revela em suas memórias, ela publica, nas revistas *A Semana* e *Belém Nova*, os primeiros arroubos literários:

⁵ Cf. “Encontro Matinal”. In: *Diário de Notícias* 10/06/1955.

⁶ *Banho de Cheiro*, 1962, p.33.

O Amazonas foi um amor que nasceu muito cedo em mim [...] Este amor pelo rio, rompendo em caudal na minha juventude, despertando meu primeiro desejo poético⁷.

Na casa de meu pai, quando nasci, minha mãe mandou plantar um pé de açuceneira. Cresceu comigo junto à janela do meu quarto. Quando meus desejos poéticos chegaram, a açuceneira, um arbusto, queria ser árvore e crescer também, muito e muito, ainda mais para se debruçar na minha janela colaborando nos meus sonhos. Nesse momento, o repuxo do jardim despertava em mim sentimentos poéticos. Lembro que então me perdia nas estrelas do céu e nas estrelas perfumadas da açuceneira⁸.

Entretanto, essa inscrição no espaço público provocou a intolerância paterna, visto que ela se recusava a pôr em prática o “comportamento feminino” ensinado no período de internato. Resolveu romper com o pátrio poder. E assim, naquele momento em que muitos apelos literários envolviam a juventude belenense, ingressa oficialmente no jornalismo, desempenhando, simultaneamente, as funções de secretária e de colaboradora da revista *A Semana*. Nesta fase, usando o pseudônimo Miss Fidelidade, publica *O Triste* (1920)⁹, crônica em homenagem a Peregrino Junior.

A partir de 1926, passa a grafar seus escritos apenas com o nome Eneida, excluindo o sobrenome do pai (Costa) e do marido (Moraes). Por essa época, colabora também na *Revista Belém Nova*, editada por Bruno de Menezes e Paulo de Oliveira, e no jornal *Para Todos* (RJ), dirigido por Álvaro Moreyra. Nestes periódicos, mantém a tônica dos versos livres e crônicas epistolares. São dessa fase, por exemplo: os poemas *Meu Flirt com a Vida*, *A Mais Linda Canção da Minha Vida* e *Sonho de um Balão*; e as crônicas *Carta à Mulher Paraense* e *Carta à Maria Luíza*¹⁰.

⁷ *Cão da Madrugada*, 1954, p. 16.

⁸ *Aruanda*, 1957, p. 100.

⁹ Cf. *A Semana*, ano III, n. 103. 23/03/1920.

¹⁰ A escritura eneidiana não privilegia a temática “missão materna”, freqüente em alguns textos de autoria feminina publicados na imprensa da época. Cf. *Belém*

Ao fazer parte do grupo de colaboradores da *Belém Nova*, alia-se a um movimento contestatário de cor local e escreve *Canto Novo do Brasil*:

Quem no Brasil precisa falar de Cleópatras que não vimos; de Phryneas que não sentimos; quem precisa falar de mares e céos que não estão na nossa sensibilidade, quando temos mares e céos ricos de cor, de luz e de beleza, neste Brasil?¹¹.

Com este posicionamento, Eneida faz eco ao manifesto *Flamini-n’-assu*, de Abguar Bastos, publicado na *Belém Nova*, e que conclamava poetas e prosadores a formarem uma corrente de pensamento para contestar alguns itens do movimento *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade¹².

A experiência nas revistas citadas, a convivência nos círculos literários paraenses (e eventualmente no Rio de Janeiro) e a reconhecida performance de sua prosa facultaram à escritora o ingresso no jornal *O Estado do Pará*, onde vivenciou as oposições ao governo local e reivindicações populares. Nesta fase, estréia na função de repórter de eventos culturais e passa também a publicar crônicas do tipo militante¹³ – a exemplo, *Conversando* (1928)¹⁴, na qual contesta o discurso liberal burguês e feminista das sufragistas, achando que apenas o instituto do voto era insuficiente para atingir a

Nova, v. 1 a 4, nos. 54 a 74. (Edições sob custódia da Academia Paraense de Letras e colecionadas por Maria de Belém Menezes, filha de Bruno de Menezes).

¹¹ Excertos da crônica *Canto Novo do Brasil*, 1927. In: *Belém Nova*, edições citadas (nota n. 12).

¹² Embora, mais tarde, quando o Movimento *Pau-Brasil* se transmudou no da *Antropofagia*, paraenses, incluindo o próprio Abguar e Eneida, tenham colaborado na *Revista de Antropofagia* (n. 4 e 15).

¹³ *Aproprio-me*, aqui, da expressão usada por Constância Lima Duarte em seus estudos sobre Adalgiza Nery (In: *A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade*, 1995, p. 107-113).

¹⁴ Para um estudo detalhado desta crônica, a respeito do discurso eneidiano sobre o feminismo, consultar: ÁLVARES, Maria Luzia, 1997, p. 126-146.

igualdade entre os gêneros. Esse tom contestatório vai se consolidar no período 1930-1945, quando passa a escrever panfletos e jornais de célula, além de atuar em jornais partidários em prol da causa comunista.

Em 1929, entremeando o discurso político com o literário, demarca dois territórios: dirige um programa de rádio-jornalismo, sendo responsável pela Noite de Arte da Rádio Clube do Pará; e publica *Terra Verde*, livro de estréia onde reúne 26 poemas em prosa representativos da “poética de cor local”, exaltando o contexto amazônico. A publicação dessa obra e a atuante participação da escritora na vida cultural da região deram a ela o prêmio Muiraquitã, em festa organizada pelos intelectuais paraenses e amazonenses.

Entretanto, à medida que conquistava inserção na esfera pública, comprometia a vida conjugal. Os pontos de ruptura eram a atuação jornalístico-literária, o projeto pessoal de militância partidária e os freqüentes apelos de emancipação feminina. Durante aproximadamente dois anos, relutara em por fim ao já desgastado casamento, porque não se compatibilizava com os mandamentos de sujeição da mulher à máxima “ser mãe e esposa é a mais grandiosa missão” O que queria era o reconhecimento da igualdade intelectual conquistada e firmada nos meios literários que freqüentava.

3 A ESCRITURA NÃO AUTORIZADA.

Em 1930, Eneida deixa Belém para fixar residência no Rio de Janeiro onde vai alicerçar uma convivência intelectual e partidária com um grupo que a iniciou nas leituras sobre a filosofia marxista: “a primeira vez que li o Manifesto Comunista de Marx e Engels, fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim” “Adquiri uma ideologia, tracei friamente o meu caminho e fui por ele, certa de estar certa”¹⁵.

¹⁵ Cf. *Banho de cheiro*, p. 72 e *Carta-testamento* (1969).

Os dois primeiros anos no Rio de Janeiro, passou-os freqüentando círculos literários, estudando marxismo e se preparando para ingressar no PCB. Nesse momento, para se afinar ao discurso proletário e provar ao partido que estava pronta para ser comunista, começa a apagar os “resquícios burgueses” que herdara da mãe: “as belas jóias que tive, perdi em casas de penhores na etapa em que encontrei o meu caminho; justamente no momento do qual me orgulho: o da escolha de um futuro”¹⁶.

Essa escolha levou-a a uma agenda intensa de ativismo político: primeiro, no Rio de Janeiro; depois, em São Paulo. De acordo com orientações do partido, no Aparelho onde atuava, atendia pelo pseudônimo NAT, sendo responsável pela recepção e distribuição de correspondências e pela redação de jornais, panfletos e volantes. Por estar a serviço da causa comunista, foi presa em São Paulo (1932), conforme registros na Delegacia da Ordem Política e Social (DOPS): “Eneida da Costa Moraes (sic), conhecida agitadora comunista, possuía em sua residência um custoso mimeógrafo, adquirido pelo ‘Socorro Vermelho Internacional’ para confecção de boletins de propaganda subversiva-comunista”¹⁷.

Considerada presa de alta periculosidade, foi colocada, durante quinze dias, numa “solitária”. O único lugar por onde entrava uma réstia de luz era um buraco na fechadura da porta, através do qual os “tiras” a vigiavam: “.ficava, então, noite e dia esperando os olhos que me espionavam, dando em cada um deles uma espetadela com o dedo indicador. Quando ouvia o grito, exclamava: acertei o inimigo”¹⁸. Depois, foi levada para outro presídio onde ficou três meses, sendo libertada por engano no meio dos chamados legalistas. Para escapar à perseguição policial, refugiou-se em Jacareí, interior paulista, de onde, após quatro meses, voltou ao Rio de Janeiro, por ordem do partido.

¹⁶ *Aruanda*, p. 75.

¹⁷ Cf. Prontuário DOPS n.23.797.

¹⁸ *Banho de Cheiro*, p. 78.

Nos dois anos subseqüentes a essa prisão, participou de vários movimentos ativistas que antecederam a insurreição de 1935, a exemplo: o I Congresso Nacional de Luta Contra a Guerra, evento que culminou com manifestações no Teatro João Caetano (RJ), quando, junto com representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), liderou o julgamento simbólico do líder integralista Plínio Salgado.

Na revolução de 1935, participou da Aliança Nacional Libertadora (ANL), através das ações da União Feminina do Brasil, colaborando em atividades de agitação e propaganda: “Minhas mãos não foram jovens nem mesmo no tempo da juventude total. Marchavam na vanguarda; agitavam-se incessantemente; nunca se pouparam”¹⁹.

Investigada pela Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, ficou presa no Pavilhão dos Primários cerca de um ano e cinco meses: “nenhum democrata, inimigo do Estado Novo, deixou de sofrer; raros os que escaparam das grades ou da inclemência dos beaguins policiais”²⁰.

De dia, no verão, as paredes ficavam molhadas pelo calor; no inverno, as paredes ficavam úmidas e um frio de doer os ossos tomava conta de nossos menores gestos. No dia em que, pela primeira vez, foi estabelecido o banho de sol para os presos políticos, os tamancos subindo e descendo escadas; os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros, o ruído de pedaços de madeira batendo no chão pareciam a mais belas das canções escritas sobre liberdade²¹.

Nesse ínterim, vivenciou, em outros moldes, a segunda experiência de radiojornalismo, participando da Rádio Liberdade,

¹⁹ *Aruanda*, p. 75.

²⁰ *Banho de Cheiro*, p. 89.

²¹ *Aruanda*, p. 80. Sobre um cenário detalhado dessa ambiência carcerária e da convivência das presas políticas, consultar: CASTRO, Maria de Moraes Werneck de. *A Sala 4: a primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: CESAC, 1988 (Capítulos 1,3 e 4).

órgão informativo dos presos políticos e que funcionava no Pavilhão dos Primários com “estação” instalada na grade que o separava do saguão. A programação ia ao ar diariamente entre o jantar e a hora de os cubículos serem fechados. Eneida era uma das locutoras, transmitindo resumos jornalísticos e notícias trazidas pelas visitas, seguidos de comentários como se fosse uma crônica falada²².

Absolvida, em 1937, pelo Tribunal de Segurança Nacional, Eneida voltou ao Pavilhão dos Primários outras tantas vezes, e sempre, acusada de estar redigindo e distribuindo material panfletário, além de organizar listas de donativos para o Socorro Vermelho do PCB. Esses foram os “crimes” que motivaram a maioria das prisões que a escritora sofreu, especialmente às vésperas de datas nacionais, sob a alegação de medida de segurança para evitar a distribuição de manifestos comunistas.

Após a fase de prisões e a de exílio na França, retoma regularmente as atividades jornalísticas. Fiel ao ideário marxista-leninista, colabora em periódicos partidários ou influenciados pela ideologia comunista de seus editores: *Momento Feminino*, *Novos Rumos*, *Para Todos*, *A noite*, *Tribuna Popular*, *Revista Literatura*. Os textos desta fase são de explícita militância política.

4 A ESCRITURA CONSENTIDA

Nos anos 1950-1970, Eneida transita mais livremente entre a imprensa, a literatura e a utopia, trabalhando como jornalista profissional, em vários jornais e revistas. Neste período, também

²² Cf. depoimentos do Sr. Maximiro de Medeiros a Eunice Ferreira dos Santos (Brasília/DF, 2002). Além dessa atividade jornalística, iniciou o livro *O Quartelão* que ficou apenas na escrita do conto *O Guarda-Chuva*, selecionado, em 1938, por Graciliano Ramos para ser publicado numa Antologia que à época estava organizando. (*Contos e Novelas de Todo o Brasil*, 1957 – obra póstuma). O referido conto também foi publicado no livro *Boa noite, professor* (MORAES, Eneida, 1965).

publica livros²³, alternando crônicas, reportagens e ficção. Tornou-se efetiva do Diário de Notícias onde trabalhou cerca de vinte anos, assinando, inclusive, além da coluna Encontro Matinal, duas séries de reportagens intituladas “Mulheres contam sua vida”(1951-1953) e “Mulheres de ontem e de hoje”(1953-1957).

Mesmo publicando em jornais da chamada grande imprensa, manteve o tom contestatário sob a forma de “crônica-militante”. Exemplos disto vão ao longo de 1957-1970, quando, inúmeras vezes, teve seus textos censurados porque aproveitou o espaço do Diário de Notícias para fazer denúncias. Entre outras, são representativas desta fase as crônicas: Censura (1957); Aplaudindo (1961); Minha Solidariedade (1964); Carnaval e Censura (1965); Protesto (1966); Impugnados (1967).

A amizade e parceria com Carlos Ribeiro e o fato de ser colunista de um jornal de grande circulação deram a Eneida um status privilegiado para conseguir apoio e adesão de outros intelectuais para o trabalho de divulgação do livro e do autor, através de caravanas culturais e de outros eventos como os festivais e a criação da União Brasileira de Escritores (UBE), de cuja diretoria fazia parte. Além disso, também promoveu e apoiou espetáculos teatrais e concursos literários; organizou comissões de caráter político-social; participou do Conselho Superior de Cultura do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, sendo também a idealizadora do Museu da Imagem e do Som do Pará.

O agravamento da longa enfermidade a afastou das aparições públicas, porém continuou escrevendo para o Diário de Notícias até fevereiro de 1971. E desse modo, concluiu 50 anos de atuação no cenário político e jornalístico-literário brasileiro.

²³ Livros publicados nesta fase: *Cão da Madrugada e Alguns Personagens* (1954); *Aruanda* (1957); *História do Carnaval Carioca* (1958); *Caminhos da Terra e História dos Subúrbios: Copacabana* (1959); *Romancista também Personagens e Banho de Cheiro* (1962); *Boa noite, Professor e Molière para Crianças* (1965)

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Maria Luzia. Orminda e Eneida: duas versões do feminismo paraense. In: ÁLVARES, Maria Luzia; SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Desafios de identidade: espaço-tempo de mulher*. Belém: CEJUP/GEPEM, 1997, p. 126-146.
- APERJ. Arquivos das polícias políticas: reflexões de nossa história contemporânea, 2. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996.
- A SEMANA. Belém, n°s 149, 362, 370 e 457, fevereiro/1921 a janeiro/1927.
- BELÉM NOVA. Belém, n°s 54, 56, 59, 62, 64 e 74, agosto/1926 a setembro/1927.
- CASTRO, Maria de Moraes Werneck de. *A sala 4: a primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: CESAC, 1988.
- DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro. Reportagens e Suplementos Literários, 1951-1953.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Colunas *Mulheres contam sua vida e Mulheres de ontem e de hoje*, 1951-1957.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, *Coluna Encontro Matinal*, 1954-1970.
- DUARTE, Constância Lima. A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade. *Vivência*, Revista do CFCH/UFRN, Natal, p. 107-112. 1996.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação*. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina(org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 54-92.
- INVENTÁRIO DO FUNDO DESPS. Delegacia Especial de Segurança Política e Social. 2. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.
- MORAES, Eneida de. *Cão da madrugada*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1954.
- MORAES, Eneida. *Aruanda*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1957.
- MORAES, Eneida. *Banho de cheiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- O ESTADO DO PARÁ. Belém, 26 jan. 1927 a 22 dez. 1929.
- PRONTUÁRIO n. 23.797. Eneida de Moraes. Fundo DESPS/RJ – Arquivo Público/RJ (APERJ).

RELATÓRIO CONFIDENCIAL, n. 26-I, Cx. 1047. Fundo DESPS/RJ
(aperj).

SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida de Moraes: militância e memória*.
Tese, (Doutorado em Literatura Comparada). UFMG, Belo Horizonte,
2004. 300 f.